

PARÁFRASES LEXICAIS: FONTE PRODUTIVA PARA DEFINIÇÕES E DESIGNAÇÕES¹

Antonieta LAFACE²

- RESUMO: Trata-se de questão relativa à pedagogia-ensino do léxico, objeto de estudo e de discussão nos últimos anos. Considera-se a restrição do vocabulário do estudante como uma das causas do seu mau desempenho escolar. Discutem-se, no presente artigo, atividades com a palavra, encontradas em livros didáticos diversos. Sugere-se um trabalho pedagógico de leitura e de redação, centrado em paráfrases lexicais, no plano da sinonímia e da parassinonímia, fonte produtiva para definição e designações de objeto a ser descrito em contexto discursivo. A análise de um texto de Millôr Fernandes torna-se instrumento para demonstrar a validade deste tipo de trabalho sugerido – uma contribuição para melhor desempenho do estudante.
- UNITERMOS: Léxico; vocabulário; ensino do léxico; paráfrases lexicais; definição; designação.

Manuais didáticos que tratam de conteúdos relacionados ao ensino da língua portuguesa, no primeiro e segundo graus, parecem ter preocupação com o léxico ativo do estudante e propõem trabalho pedagógico que envolve a palavra e o significado de base vocabular, em registro na comunidade.

Os objetivos parecem ser os de desenvolverem programas de ensino que visem ao reconhecimento da palavra, sua estruturação mórfica, identificação de classe e de categoria, significado e pertinência de emprego, no conjunto das formas lexicalizadas, definidoras do vocabulário de um texto coerente na língua.

Observando-se atentamente algumas das atividades encontradas em manuais didáticos diversos, percebe-se que, apesar de haver, por parte dos seus autores, preocupação e interesse pelo ensino do léxico, essas atividades têm dado tratamento isolado à palavra, isto é, desvinculado do contexto informativo no qual ela deve estar inserida. Tal situação parece decorrer dos próprios critérios metodológicos adotados para exercícios do chamado estudo do vocabulário de textos-leitura, de onde são

1. O texto constitui versão escrita de trabalho apresentado na SBPC de 1992, em São Paulo.

2. Departamento de Linguística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800-000 – Assis – SP.

extraídas palavras consideradas desconhecidas e/ou conhecidas parcialmente pelo estudante.

Ao que tudo indica, esses critérios não são compatíveis com a natureza léxico-semântica de termos que estruturam o vocabulário temático de textos produzidos na língua, até porque os sentidos das formas lexicalizadas devem resultar de situação de contexto. A palavra, nesse aspecto, deve assumir posição no discurso e, pela natureza própria da sua base semântica, ela deve estabelecer relações de sentido contribuindo para a produção de informações, e estas devem ser centradas em área específica de conhecimento.

Exercícios que tratam do estudo do vocabulário parecem estar condicionados ao uso do dicionário de sinônimos, bem como ao de verbetes e ao de glossários, colocados no final do manual didático. Esperam os respectivos autores que consultas ao dicionário venham auxiliar o trabalho de natureza semântica, gramatical e ortográfica da palavra, acreditando com isso estar contribuindo para a ampliação/enriquecimento do léxico ativo do estudante.

A título de exemplificação, apresentam-se, no momento, fragmentos de exercícios propostos em manuais didáticos diversos, dos mais usados na rede de ensino. Dentre esses fragmentos, alguns se remetem ao chamado tratamento semântico, considerando palavras do tipo *olhar* e *ver*, *secar* e *enxugar*, como em:

(1) “*Olha para as pedras e vê aquela gente*”, em que o autor pede a diferença de significado das palavras assinaladas, esperando chegar a “*olhar* = reparar em ...” e “*ver* = observar, reconhecer, compreender...” (Ferreira, 1988). Todavia, a frase situada fora do contexto tende a dificultar o estudante, no que se refere à mobilização de sentidos produzidos, principalmente quando ele se depara com a palavra *ver*. Como e quando e em que contexto discursivo podem-se adequar os sentidos de “*reconhecer aquela gente*”, de “*compreender aquela gente*”, de “*observar aquela gente*”?

(2) “*Alguém seca a louça*”, em que o autor pede o sinônimo da palavra assinalada, esperando que resulte em “*Alguém enxuga a louça*”. Todavia, uma consulta ao dicionário leva o estudante a se deparar com “*secar* = tirar a umidade, enxugar...” (Ferreira, 1988), onde “*tirar a umidade*” é termo de pouco uso para esse tipo de construção, frente à norma social. O mesmo parece ocorrer com “*Alguém seca os cabelos*” e “*Alguém enxuga os cabelos*”, onde *enxuga*, nessa construção, embora possa ter adequação de sentido no contexto informativo, é de pouco uso, considerando-se o tipo de construção e a norma social.

Alguns outros fragmentos de exercícios, contidos nos manuais didáticos, remetem-se não só ao tratamento semântico da palavra, como também propõem estudo do seu contexto gramatical e ortográfico, como em:

(3) “*Dos males o menor*”, (4) “*Comia-se mal*”, (5) “*É um mau aluno*”, em que o autor pede justificativa para a diferença gráfica entre as palavras assinaladas, esperando que o aluno identifique classe e categoria, para então determinar o significado dessas palavras em frases nas quais elas podem estar inseridas.

O mesmo acontece com exercícios que envolvem palavras como *conserto* e *concerto*, como em:

(6) "Irei ao *conserto* do carro" e (7) "Irei ao *concerto* no Municipal", em que o autor pede justificativa para a homofonia das palavras assinaladas e graficamente diferenciadas. Espera o autor que o aluno chegue ao significado das mesmas, considerando-se as construções nas quais elas estão inseridas.

E, ainda, alguns outros exercícios, em que aparecem construções do tipo (8) "Não posso falar que sua cabeça mais parece uma *abatigüera*", que orientam o aluno no sentido de substituir a palavra *abatigüera* por *milharal*. A intenção do autor é a de propor um trabalho da norma regional em confronto com a norma nacional.

Muito embora essas atividades possam contribuir para o ensino do léxico, elas não são suficientes para a ampliação/enriquecimento do vocabulário ativo do estudante e pouco contribuem para que ele venha a ter bom desempenho de leitura e de escrita. Diante disso, torna-se plausível propor neste artigo um trabalho pedagógico para o ensino do léxico, orientado por atividades de leituras parafrásticas do léxico e deste para o texto: um trabalho que poderá favorecer proposta que vise ao melhor desempenho do estudante, tendo-se em conta os diferentes contextos com os quais ele tem contato.

Consideradas como fonte de produção no discurso, as paráfrases lexicais têm a função de dinamizar estruturas temáticas, de acordo com o posicionamento direcional de informações, intencionalmente previsto pelo produtor de um texto coerente da língua. Estados de definição e de designação de termos para descrever um certo objeto temático explicitam-se por sinonímias e parassinonímias das formas lexicalizadas que devem dar conta das relações de sentido existentes nos enunciados formadores de um texto. Desse modo, mecanismos parafrásticos permitem estabelecer relações de equivalências e de oposições sêmicas das ocorrências lexicais, cuja ordenação/seqüencialização nos enunciados determina um certo contexto temático, dependendo da posição ocupada por elas no espaço informativo desse contexto.

Entradas e remissivas lexicais, que definem a estrutura vocabular de um texto, dependem não só da seleção de termos ocorrentes, como também da visão de mundo do seu produtor. Ocorrências do tipo *cavar*, *noite*, *cemitério*, encontradas no texto "Socorro!", de Millôr Fernandes (1973, v. anexo), definem, designativamente, o objeto das relações temáticas, conforme posição ocupada nos enunciados. Atendem essas ocorrências à direção de leitura proposta pelo escritor, estabelecendo, no conteúdo informativo, uma orientação de sentidos referente a *cemitério*.

Metodologicamente, a leitura parafrástica desse texto, sob o ponto de vista vocabular, pode ser aqui conduzida por três níveis de análise, tendo-se em conta mobilizações lexicais de termos sinonímicos e parassinonímicos. Esses níveis de análise correspondem a uma situação de definição, de designação e de reformulação do objeto temático a ser descrito, conforme o contexto estabelecido.

Assim, um estudo parafrástico das ocorrências *cavar*, *noite* e *cemitério* revela situações produtivas do conteúdo vocabular a partir de:

"*cavar* = revolver ou furar com a enxada, o mesmo que fazer buraco, fazer escavação, formar cavidades, abrir covas..."; "*noite* = espaço de tempo em que o sol está abaixo do horizonte, o mesmo que obscuridade reinante durante esse tempo, trevas..."; "*cemitério* = recinto onde se enterram e se guardam os mortos" (Ferreira, 1988).

Considerando-se, portanto, o nível da definição, o conteúdo semântico de cada uma dessas ocorrências permite descrever um estado de coisas, conforme o contexto enunciativo apresentado. Tem-se em conta a visão do universo existencial e experiencial do grupo, para traduzir em língua o que, culturalmente, se entende por *cemitério*. A palavra, capaz de definir um certo objeto temático, articula-se no texto por movimentos parafrásticos de termos sinonímicos, determinando o contexto discursivo pelo contexto lingüístico. Palavra e objeto recortam-se mutuamente, dependendo ainda e, principalmente, de situações definidas no universo humano.

Dessa forma, *o ato de cavar* estabelece-se pela relação "*coveiro* = pessoa que abre covas para defuntos, enterrados, sepultados..." (Ferreira, 1988), cujo resultado será o produto "*cova* = abertura na terra, escavação, buraco, sepultura..." (Ferreira, 1988). *Cavar*, *coveiro* e *cova* constituem termos definicionais do objeto temático. As ocorrências e co-ocorrências lexemáticas desses termos determinam o sujeito das relações de actância = indivíduo que tem como profissão o ato de cavar: "Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão – coveiro – era cavar" (v. anexo).

Essas ocorrências e co-ocorrências constroem a base informativa do texto, tendo-se como ponto de partida a seleção lexical, dentro de um plano morfossintático, capaz de definir relações do sujeito *coveiro*, em *cavar* = processo e em *cova* = produto. A progressão temática determina-se pela mobilização do conteúdo semântico de *cavar*, marcado pela transposição do verbo em nome – de *cavar* para *cova* –, condicionando-se a experiência cultural do termo *cemitério* a essa transposição.

Dentro dessa mesma dimensão definicional das relações, o conteúdo semântico de *noite* abre espaço no texto, para viabilizar um estado temporal, na situação de "*A noite chegou, subiu...*" (v. anexo), situação pertinente para a existência de um novo estado de coisas que se sustenta no espaço enunciativo das relações sêmicas entre *cavar* e *cova*. Os efeitos do sentido produzidos pela relação *cavar* e *cova* marcam propriedades temáticas de um contexto definicional do objeto a ser descrito em língua, onde *noite* torna-se um elemento circunstante na actância *cova/coveiro*, para que se possa dizer que *cemitério* seja "ausência de som humano..." (v. anexo).

Considerando-se o nível designativo, as paráfrases definidoras de sentidos permitem, por deslocamentos das formas lexicais, a definição de uma nova dimensão temática do objeto descrito no texto. O ato parafrástico é uma questão de equivalência semântica da língua e esta equivalência fundamenta-se pela existência de uma base vocabular comum, marcada por semantismos diferenciados que modulam, diversamente, a direção temática de um certo conteúdo informativo.

A paráfrase, no nível das designações, traduz o caráter móvel e subjetivo do escritor, considerando-se a função do contexto e da situação de produção de significação. As seqüências lexemáticas, contidas nos enunciados de um texto, dinamizam o seu espaço temático-informativo e, no momento do ato leitor, recuperam-se, significativamente, consensos e especificidades de leitura, conforme realidades de mundo, respectivamente, do grupo e do indivíduo.

Os traços diferenciadores de sentidos, produzidos no contexto definicional, são retomados parassinonimicamente e constituem, conforme posição das ocorrências e das co-ocorrências lexemáticas, novas formas de se dizer o objeto descrito. Designa-se esse objeto pelo contexto definicional e pela disposição de situações produtivas do léxico, contando-se com a possibilidade de haver uma série de paráfrases lexicais, procedendo-se a predicções e a situações diversas, para a produção de significação.

Dessa forma, "A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias..." confere à *noite* "o espaço de tempo em que o sol está abaixo do horizonte" (Ferreira, 1988), acrescentando-se a essa definição "...fez-se o silêncio das horas tardias" (v. anexo). Da mesma forma, "E, na *noite* escura, não se ouvia um som humano" estabelece para *cemitério* "a ausência de som humano" (v. anexo). Considera-se, por essas construções, a dimensão parassinonímica das relações de sentidos que, articuladas no espaço informativo do texto, asseguram um estado diferencial designativo de *cemitério*, como sendo "lugar onde se enterram e se guardam os mortos" (Ferreira, 1988), parafraseado por "ausência de vida humana, à noite..." (v. anexo). A presença do *coveiro* "no lugar onde se enterram e se guardam os mortos" parece, no entanto, desestruturar a própria definição de *cemitério*, consenso no grupo. *Cemitério* passa a ser, por visão específica de mundo, termo designativo de "ausência/presença de vida humana" – presença do *coveiro* = ser vivo.

Considerando-se o nível da reformulação, o objeto descrito determina-se pela experiência de mundo, tendo-se em conta que o "estado de ausência/presença de vida humana" se estabelece no "silêncio das horas tardias", havendo a necessidade de uma redimensão de *cemitério*, dado este como "lugar onde se enterram os mortos, com ausência/presença de som humano no silêncio das horas tardias" (Ferreira, 1988, e anexo).

Essa redimensão deve ser orientada, lingüisticamente, pelas paráfrases lexicais que, nos enunciados, constroem-se por sinonímias e parassinonímias. Neste caso, relações diferenciadas de sentidos traduzem novos efeitos produtivos do léxico e, conseqüentemente, novas configurações sêmicas do objeto temático descrito aparecem.

A entrada da palavra "*frio* = perda de *calor*, privado de *calor*" (Ferreira, 1988) contribui para que essa dimensão se processe no texto, conforme situação apresentada por "Bateu o *frio* da madrugada..." (relativo a tempo/lugar), "tire-me daqui, estou com um *frio* terrível..." (relativo à pessoa, ser vivo) e "tem razão de estar com *frio*, meu pobre mortinho..." (relativo à pessoa, ser morto).

Nessa dimensão, as relações sêmicas que existem entre *morto/vivo* e entre *frio/calor* retomam-se, reformulativamente, no texto, designando *cemitério* pela situa-

ção apresentada em: "Tem razão, meu pobre mortinho" e "Estou com um *frio terrível*" (v. anexo). Restabelece-se finalmente o equilíbrio natural das coisas: *cemitério* passa a ser novamente "ausência de som humano, presença de som humano, ausência/presença de som humano e, novamente, ausência de som humano...", compondo a estruturação lógica das categorias textuais.

Completa-se, portanto, a mobilização definicional-designativa de sentidos que permitem dizer o objeto descrito, dando-lhe possibilidade de uma redimensão nas relações entre *coveiro* e *ato de cavar*, *coveiro* e *cova*, presença do *coveiro* no *cemitério*, ausência do *coveiro* no *cemitério*, em: "E pegando a pá, enchendo-a de terra, pôs-se a cobri-lo cuidadosamente" (v. anexo), onde "enterrar = cobrir de terra" (Ferreira, 1988) torna efetiva a permanência do *coveiro* no *cemitério*, porém, morto, o que significa que *cemitério* continuará sendo ausência de vida humana nas horas tardias, lugar onde se enterram e se guardam os mortos.

Em síntese, o que se propõe neste artigo é trabalho de leitura parafrástica do conteúdo vocabular de um texto, tendo em vista situações do universo existencial e experiencial do estudante. Considera-se o ato leitor como um ato de produção de conhecimento e a estrutura vocabular de um texto reflete, por esse ato leitor, visão de mundo, envolvendo, na mobilização temática de sentidos, situações produtivas do universo humano.

Pelo que foi exposto, o uso do dicionário de língua pode fornecer dados que definem a base semântica de uma palavra, bem como acepções em uso na comunidade. Todavia, não é suficiente para que o estudante venha a mobilizar situações produtivas de termos definidores, designadores e reformuladores de um certo objeto temático do conhecimento. Definir, designar e reformular são atos que fazem parte da realidade do homem, havendo, por essa razão, a necessidade de atividades com o léxico que permitam estabelecer relações entre o estudante e o seu universo de conhecimento.

Acredita-se, com isso, haver contribuição para que o ensino do léxico possa ampliar e enriquecer o vocabulário ativo do estudante, levando-o a ter condições para estar atuando, significativamente, nos contextos diferenciados do universo acadêmico.

Anexo

Socorro!

Millôr Fernandes

Ele foi cavando, cavando, cavando, pois sua profissão – coveiro – era cavar. Mas, de repente, na distração do ofício que amava, percebeu que cavara demais. Tentou sair da cova e não conseguiu. Levantou o olhar para cima e viu que, sozinho, não conseguiria sair. Gritou. Ninguém atendeu. Gritou mais forte. Ninguém veio. Enrouqueceu de gritar, cansou de esbravejar, desistiu com a noite. Sentou-se no fundo da cova, desesperado. A noite chegou, subiu, fez-se o silêncio das horas tardias. Bateu o frio da madrugada e, na noite escura, não se ouvia um som humano, embora o cemitério estivesse cheio de pipilos e coxares naturais das matas. Só pouco depois da meia-noite é que lá vieram uns passos. Deitado no fundo da cova o coveiro gritou. Os passos se aproximaram. Uma cabeça ébria apareceu lá em cima, perguntou o que havia: “O que é que há?”

O coveiro gritou desesperado: “Tire-me daqui, por favor. Estou com um frio terrível!” “Mas, coitado!” – condoeu-se o bêbado – “Tem toda razão de estar com frio. Alguém tirou a terra de cima de você, meu pobre mortinho!” E, pegando a pá, encheu-a de terra e pôs-se a cobri-lo cuidadosamente.

Moral: Nos momentos graves é preciso verificar muito bem para quem se apela.

LAFACE, A. Lexicon paraphrases: a productive source for definition and designations. *Alfa*, São Paulo, v. 37, p. 75-82, 1993.

- **ABSTRACT:** *This article presents the lexicon pedagogy, a point of discussion over this last years. It takes into consideration the student's vocabulary restriction as one of the causes for poor learning performance in school. Activities related to words from various textbooks are also discussed. The work suggests a reading and a writing pedagogy, centered in lexicon paraphrases synonyms and paras-synonyms. It's a productive source for definition and designations of a certain object to be described, in a discursive context. The analysis of a Millôr Fernandes' text served as a useful instrument to show the values of such pedagogy. It's a contribution to the student's performance in school.*
- **KEYWORDS:** *Lexicon; vocabulary; lexicon pedagogy; lexicon paraphrases; definiton; designation.*

Referências bibliográficas

FERNANDES, M. Socorro! In: *Fábulas fabulk*

FERREIRA, A. B. H. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Bibliografia consultada

- CHARAUDEAU, P. Enseignement d'une grammaire du sens. *Études de Linguistiques Appliquées* – l'enseignement du sens en Français – langue maternelle et étrangère, n. 11, 1973.
- DUBOIS, J. Lexicologie et l'analyse de l'énoncé. *Cahiers de Lexicologie*, v. 15, 1969.
- FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- LAFACE, A. *Léxico e produção de sentidos: contribuição para o desenvolvimento da leitura e reformulação do conhecimento*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.